

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.659

Quarta-feira, 23 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5399-C

Officinas de impressão—Rua de Adelaide, 114 e 112

Na Companhia Geral de Cal e Cimento explora-se de sumana e torpemente o operariado

OS GRANDES EXPLORADORES

BALTAZAR CABRAL

o alma danada da Companhia Geral de Cal e Cimento explora infamemente os operários

DADOS PARA A HISTÓRIA DO CAPITALISMO

Entre as empresas industriais, financeiras e comerciais que roubam o país, defraudam o Estado e escravizam o operariado, não deve ser fácil encontrar-se uma tão repugnante como a Companhia Geral de Cal e Cimento, da Bacia, perto da cidade de Setúbal. Longe das vistas fiscalizadoras, situada num ormo, a caminho do Oitão, essa Companhia lembra melhor um inferno, onde o trabalhador se estende sem proveito, do que um estabelecimento fabril moderno que pudesse dar, embora poucas, algumas garantias a quem trabalha.

Quem passar pela estrada à beira da qual a fábrica está edificada e atentar na nuvem persistente de poeira cinzenta que a envolve poderá fazer uma ideia leve de quão ruinoso para a saúde deve ser o trabalho que lá dentro se exerce. Aquela poeira penetra nos poros de quem ali trabalha, atulha os pulmões dificultando a respiração, intoxicando lentamente o organismo; insustentável-se nos olhos produzindo moléstias perigosíssimas na vista. Natural seria que por parte da empresa houvesse para com os operários um pouco de carinho e algumas medidas que atenuassem tanto quanto possível as dificuldades do trabalho.

Succede, porém, precisamente o contrário. O trabalhador é ali, mercê da ganância feroz do sr.

Baltazar Cabral, cuja crônica iremos em artigos sucessivos estampando nas colunas da Batalha, um simples objecto, apenas carne para ignóbil exploração.

Baltazar Cabral, administrador da referida companhia, o quero, posso e mando daquela empresa industrial, exerce uma tirania maior sobre os desgraçados que lhe caem nas garras, do que os proprietários exercem em África sobre os pobres escravos negros.

Alguns crimes repugnantes pesam já na consciência—se ele tem consciência—do sr. Baltazar Cabral. E ele sabe bem que o praticou, sempre que se anuncia uma revolução, temendo tal vez um gesto de natural vingança, se passa com armas e bagagens para o estrangeiro, para o que tem sempre o passaporte pronto.

Vamos apreciar um desses crimes para que os leitores saibam e avaliem o carácter do cavalheiro de indústria a que nos referimos. Em 11 de Novembro de 1922, faleceu, em consequência de um desastre o condutor de carroças Manuel Ernesto. Deixou a braços com a miséria a sua companheira e uma filha menor.

Segundo a lei dos acidentes do trabalho, a filha desse operário tinha direito a uma pensão. Para o estabelecimento dessa pensão o Consórcio de Acidentes de Trabalho tomou como base o salário

da Companhia era apenas de 5632 centavos, por dia!

Cinco escudos e trinta e dois centavos por dia, leitores, para sustento dum homem, mulher e uma filha!

E' impossível viver-se com tal miséria, dirão os leitores. Sim é impossível. Mas o sr. Baltazar Cabral que teria de pagar o prémio de seguro contra acidentes sobre o salário que pagava ao operário, participou ao Consórcio que este ganhava apenas aquela ninharia, para por sua vez pagar também uma ninharia. E desta forma, iludindo o Consórcio, veio a roubar indirectamente a filha da vítima, porque o Consórcio, tomando como base para estabelecer a mencionada pensão, o salário de 5632, acabou por dar à menor a quantia anual de 174859.

E sabem porque motivo apareceu no Consórcio o referido operário a ganhar apenas 5632? Porque o sr. Baltazar Cabral não participou que esse operário, como os outros, para poder viver, se via na necessidade de trabalhar horas extraordinárias.

O devido seria que a pensão fosse estabelecida sobre o salário total do operário, incluindo as horas extraordinárias, que o sr. Baltazar Cabral, ardilosamente, ocultou. Continuaremos porque, o que hoje fica dito é apenas uma pálida sombra da realidade.

COIMBRA, 21.—Enfim, solucionada a desinteligência pronunciada nas sessões de domingo, o Congresso abre a sessão de hoje, pelas 14 horas, tudo indicando que os trabalhos a discutir serão apreciados com ponderação.

Preside ainda a comissão organizadora, sendo lido o expediente que consta: saudações da Federação Marítima; delegados em missão da Federação do Calçado, Couro e Peles; mineiros de Aljustrel; Sindicato de Cordoaria Nacional; Federação Nacional da Indústria de Construção Civil e um longo offício dos revolucionários, no Limoeiro, expondo suas considerações sobre a tese «Bolsa de Trabalho e Caixa de Solidariedade», que o Congresso tomou na devida consideração.

Entrou-se, pois, na discussão dos restantes artigos do Regulamento, que após leves reparos e emendas é aprovado.

Em seguida inicia-se a leitura dos relatórios da comissão organizadora e dos delegados que pelo país andaram em missão de propaganda pelo II Congresso. Assim Francisco Viana, da comissão organizadora pede para a substituição da mesa da sua presidência, pois que a sua situação não lhe permite a leitura e discussão dos mesmos.

A mesa ficou constituída pela forma seguinte: Joaquim Mendes Gomes, Quirino Moreira e Mário da Costa Lebre. Procedeu-se depois à leitura dos relatórios da comissão organizadora e dos delegados, sendo por proposta de Sául de Sousa sobre a delegação do Alentejo, resolvido que a delegação da Federação, para que esta assumisse no sentido de desmascarar os encobertos comunistas que antoamente prejudicam a organização operária.

Em virtude do adiantado da hora e a requerimento de Sául de Sousa é encerrada a sessão, para abrir novamente às 21 horas.

A pedido de Santos Vizeu e referente à exploração dos menores no trabalho denominado «picanço», é-lhe demonstrado o que é esse violento serviço e a exploração de que são vítimas. Corroboram as afirmações feitas, Sarracaino, Jacinto Rufino e Joaquim da Silva, dando-se Santos Vizeu por satisfeito.

Por proposta ainda de Santos Vizeu, o Congresso aprova que o trabalho para os serviços denominados «picanço» seja o máximo de 6 horas, admitindo que em face das necessidades que às vezes surgem de serviço, sejam permitidos os turnos de trabalho, para que o mesmo não seja tão violento.

E' aprovado que aos trabalhadores deste serviço sejam também fornecidos os apetrechos necessários para os preservar e defender da rudeza desse serviço.

E' encerrada a sessão pelas 24 horas, marcando a nova sessão para as 8,30 do dia seguinte.

Reclama-se para as mulheres salário igual ao dos homens

COIMBRA, 22.—Conforme ficou aprovado na sessão anterior, e para dar andamento a todos os trabalhos, pois bastantes são as a discutir, e em continuação da sessão de ontem a sessão abre às 8,30 do dia de hoje. Continua em discussão a tese «Higiene e Segurança dos operários e protecção aos menores e mulheres na indústria», sendo esta tese tratada por todos os congressistas com um cuidado extraordinário, pois que além da parte da mesma tese já aprovada referente aos trabalhadores do «picanço», onde os congressistas souberam zelar os pequenos explorados, —a da mulher—também em uma parte da gravidez é tratada com carinho bem visível, no desejo de suavizar um pouco o regime laboral e desmanchar a que está actualmente sujeita.

Sobre a referida tese faz uso da palavra, Sarracaino do Sindicato da C. P.; J. Rufino do Sindicato de Lisboa; e Sául de Sousa e Santos Vizeu, o primeiro do Sindicato do Porto e o segundo do comité do norte.

Por proposta de Joaquim da Silva, preconiza-se que seja reivindicado para as mulheres na indústria o salário igual ao do homem, tendo por princípio que para, igual trabalho igual salário.

Sobre esta proposta e ainda outra de Sarracaino, falam os congressistas Rufino, Joaquim da Silva, Santos Vizeu, Joaquim Silva Pedrosa, Mário da Costa Lebre e Zelerino Pinho.

Como acima dizemos, sobre esta tese uma grande e interessante discussão, serena e com fins altruístas, tendo sido defendido pelo delegado do Sindicato de Coimbra, que as mulheres na indústria seja facultado o vestuário próprio para que se evitem o mais possível os desastres de trabalho. Referente à proposta de Joaquim da Silva sobre a igualdade de salários e a proposta anterior o congresso manifesta-se sendo estas duas propostas aprovadas.

O artigo 15.º da tese em discussão, que diz: «Que, quando o acidente (referindo-se aos acidentes do trabalho) originar incapacidade temporária, parcial ou absoluta, lhe seja estabelecida uma pensão igual ao seu salário normal» é aprovado por aclamação por proposta de Joaquim Ramos da Assunção dos ferroviários da C. P.

Joaquim da Silva, do sindicato de Lisboa faz também uma proposta no sentido de salvaguardar por forma humana os acidentes, pois que as actuais leis são mais que deficientes. Assim, a sua proposta defende que se reivindique do patronato a obrigação de prestar ao sinistrado o auxílio que este precisa para que não seja obrigado a abandonar o trabalho, incluindo a internação por conta do mesmo patrono, no hospital ou casa, onde se deve ter o carinho de todo o ser deve ter.

Esta proposta foi também aprovada por aclamação.

Falaram ainda vários congressistas e sobre diversas anomalias da lei dos acidentes do trabalho, Artur Cardoso, em virtude da tese ter um aspecto geral para todas as classes trabalhadoras, propõe que a tese em questão baixe à secção de Federações, o que é depois de explicações dadas pelo secretário geral da C. G. T. aprovado que baixe à C. G. T. para ser apreciada e discutida no próximo Congresso Nacional Operário.

Em seguida é encerrada a sessão. Ficou constituída a mesa para a próxima sessão da forma seguinte: Artur Cardoso, Joaquim Pinho e Joaquim Silva Pedrosa.

Protestos contra os relatos da imprensa burguesa

Eram 14 horas, quando abriu a sessão da tarde.

E' lido o expediente que consta de: um telegrama do Sindicato Metalúrgico de Gaia, acreditando seu delegado indirecto Santos Vizeu; corticeiros de Lisboa, pessoal da Imprensa Nacional e Juventude Sindicalista de Belém.

Antes da ordem dos trabalhos, Santos Vizeu, faz uma declaração a reportagem feita em *A Batalha*, pois onde se lê: «Em nome do Comité Metalúrgico do Norte, Santos Vizeu, associa-se com imensa satisfação a todas as saudações feitas e protestos aprovados, interpretando assim o sentir de todos os metalúrgicos do norte e dizendo que os mesmos não trazem ao Congresso os seus desejos do engrandecimento da organização, deve acrescentar-se: organização metalúrgica, mas sim o de toda a família trabalhadora».

Lúcio Costa e outros congressistas protestam pela forma como a imprensa burguesa faz as suas notícias do congresso, porque além de deturparem o dado até como já tivemos terminado.

Sobre a delegação vinda por telegrama do sindicato de Gaia, Sául de Sousa, faz algumas esclarecimentos, estabelecendo-se entre este congressista e Lúcio Costa, acalorada discussão, pois que este sindicato não satisfazendo a sua cota de adesão, não pode estar no Congresso.

Porém, como também outro sindicato —o de Vila Real—não satisfaz a sua adesão, encontrando-se nessa situação também o sindicato do S. S. e, falando Zacarias Pinho e Santos Vizeu, chegaram-se a um acordo, sendo admitido esse sindicato por proposta de Sául de Sousa.

Santos Vizeu, o nomeado delegado indirecto do sindicato de Gaia, fez, por que sempre tem combatido as delegações indirectas, uma declaração onde aceita a delegação por isso ser necessária à organização e não desgastar esse sindicato. Por proposta deste mesmo congressista é feita a votação nominal, tendo sido aprovado o ingresso desse sindicato ao Congresso.

Fala em seguida Jacinto Rufino, chamando a atenção do Congresso para as notícias tendenciosas da imprensa capitalista, que malévola tendem a deturpar a verdade dos factos. Este congressista refere-se em especial a uma notícia vinda no *Comércio do Porto* a qual critica, como todo o Congresso, enviando para a mesa uma proposta que sofre alterações por proposta de Santos Vizeu, vindo pois a ficar assim redigida:

«O Congresso reconhecendo que a notícia publicada no *Comércio do Porto* que diz: «nossa sessão aceita a prevalência assim a vontade dos metalúrgicos do norte» não é a expressão da verdade; resolve tornar público que não foi a opinião dos delegados do norte que prevaleceu; mas sim, o critério do Congresso que durante o seu decorrer tem demonstrado a boa vontade de unificar».

Sobre a aprovação deste documento incluído ainda um pouco de discussão, não tendo porém importância por que afinal era um ligeiro equívoco que tal originara.

Procede-se em seguida à leitura das teses sobre «Organização Sindical Metalúrgica» e «Sindicatos Unicos».

A sessão da noite ficou marcada para as 20 horas.

A. FREITAS.

Amnistia! Amnistia!

Um alvitre aceitável — Os negros perseguidos em África também tem direito a que deles nos lembremos

A propósito da amnistia a reclamar para os presos por questões sociais, recebemos a seguinte carta, exprimindo um alvitre que nos é absolutamente simpático:

Amigo Mário Domingues. — Primeiramente desejo manifestar-lhe o meu júbilo pelo facto da Conferência Inter-sindical de Lisboa ter feito reviver a ideia da necessidade duma grande campanha pro amnistia dos presos por questões sociais.

A *Batalha*, que interpreta na imprensa diária as aspirações do proletariado, acaba de lançar, em termos cheios de elevação emotiva, o alto grito do despertar dos trabalhadores de todo o país para a conquista da liberdade dos seus irmãos que sofrem nas cadeias, por amor dos princípios de emancipação de todos os homens.

Permita-me, por isso, o meu amigo e irmão de raça, que, a propósito lhe venha pedir para lembrar, por intermédio de *A Batalha* ao proletariado das cidades e dos campos que, «ao preferir com energia a palavra Liberdade a favor dos presos por questões sociais», se não esqueça de a reclamar, ao mesmo tempo, para os escravos negros da África.

«Não é verdade que muito acertadamente se pode imaginar a África como um presídio enorme, colossal, onde os presos, reduzidos, há muitos séculos, a mais ignominiosa condição de escravidão, se contam aos milhões?»

«Não é, pois, necessário que «em todas as cidades, vilas e aldeias, o proletariado se manifeste também pela libertação dos escravos negros, reclamando para eles todos os direitos de homens e de cidadãos?»

«Que de todas as suas assembleias, comícios e reuniões saiam telegramas dirigidos aos poderes públicos ou movimentos veementes de protesto contra a escravidão dos trabalhadores das roças de S. Tomé, das plantações da Guiné, dos territórios das companhias privilegiadas de Angola e Moçambique, das obras públicas em África, etc.?»

Amigo Mário Domingues! Em toda a África as perseguições aos negros dobraram de violência e de atrocidade!

Em África é agora, como nunca, tremenda e dolorosa a tragédia da nossa Rça?

A luta em que se encontram empenhadas as nossas organizações em prol das reivindicações dos negros está sendo sustentada em condições difíceis.

Só a resistência heroica alguns bravos se deve a manutenção ainda dos nossos melhores centros de acção e de luta, não obstante a atmosfera de terror que o despotismo está espalhando por toda a parte e em que triunfam confiantes na impunidade, todos os crimes, todas as asquerosas infâmias, todas as torpes sevícias, todos os preconceitos de raça, todas as perversas crueldades, todas as torturas que a maldade sabe paciente e friamente architectar: o roubo, a exploração, os tormentos dantescos, a fome, o cárcere, a morte cruel e infamante...

De facto estão suprimidos todos os meios chamados legítimos de reclamar e de manifestar desde o direito de reunião e de associação até à liberdade da imprensa e até ao direito das petições simples, às autoridades locais e do sigilo das correspondências, contendo reclamações que nunca mais chegam à Europa!

Que por tudo isso pois e pelo mais que não é preciso dizer o proletariado e *A Batalha*, se interessem pela causa dos escravos de África, que é própria causa da Liberdade!

Abraça-o com muita consideração o seu amigo, que lhe agradece a publicação desta carta e se assina reconhecido. —A. da Silva Ribeiro, secretário da Federação Africana de Lisboa, Secção Metropolitana do Partido Nacional Africano.

AVIAÇÃO

A VOLTA AO MUNDO

A tentativa inglesa

BAGDAD, 22.—Os aviadores ingleses chegaram a esta cidade depois de 7 horas de voo, tendo atravessado o deserto de El Ziza, na Transjordânia, numa distância de 600 milhas.

Um precalço dos americanos

NEW-YORK, 22.—Comunicações aqui recebidas da Alaska, dizem que os aviadores americanos que pretendem dar a volta ao mundo, estão detidos por grandes nevoeiros, saravadas e ventanias. O voo tem soprado com uma velocidade de 80 milhas por hora, e a temperatura é de 20º abaixo de zero.

ELEONNORA DUSE

A morte da genial actriz italiana

PITTSBURG, 22.—O cadaver de Eleonora Duse partirá de New-York para Itália no dia 17 de Maio.

N. R.—Eleonora Duse foi indiscutivelmente a maior das actrizes dos últimos tempos, não só da Itália, mas de todo o mundo. O génio estridente de Sarah Bernhardt, a divina Sarah, apesar de todo o réclamo interesseiro, de todo o cabotinismo de certa imprensa secundária perante a grandeza de Duse que foi simultaneamente uma grande actriz e uma mulher de requintada nobreza de alma e sensibilidade.

Eleonora Duse encarnou as heroínas revoltadas, altivas e dolorosas de Henrique Ibsen. A dramaturgia, a verdade, a grande, a humana, a que não transige com o público burguês egoísta, deveu-lhe uma grande parte do seu triunfo, pois ela soube celebrá-la, com o seu génio.

Propositadamente separamos Duse desse cabotinismo talento que é Damocles e achamos deplorável a exigência que se tem feito em torno destes dois nomes, sobre aspectos íntimos, que só a um público bisbilhoteiro podem interessar.

Da vida artística de Eleonora Duse, fértil em incidentes, recordamos a sua atitude simpática, prestando-se a vir de Itália a Paris, para interpretar, gratuitamente, uma peça de Máximo Gorki. Este gesto de desinteresse revela bem que a comediante se era grande, não era uma mercenária. Esta sua isenção para o talento de Gorki colocava-a muito acima das celebridades de pechibis que continuamente vêm a Portugal impingir-nos algumas douradas necedades.

S. U. da Construção Civil

PREVENÇÃO

Encontrando-se em greve, para aumento de salário, os operários pedreiros e serventes da obra dos mestres Monteiro, Fernandes e Cunha, na rua de Arroios, 143, e assistindo-lhes toda a razão, visto que, auferindo respectivamente os irrisórios salários de 13800, 7850 e \$800, apenas lhes concediam um aumento de 50 centavos diários, são prevenidos todos os pedreiros e serventes de que não devem ir trabalhar para a referida obra, por conta de tais exploradores, sem que sejam atendidas as reclamações dos camaradas grevistas.

O Conselho de Secções.

Conferência Inter-Sindical

São convidados os secretários que fizeram parte das mesas da segunda e subsequentes sessões, para indicarem à comissão administrativa da U. S. O., o dia e hora que lhes convierem para patrocinar as acções respectivas.

Tomam-se resoluções sobre os trabalhos violentos

Aberta pois a sessão, entra-se na discussão da referida tese.

Sobre a filam Jacinto Rufino, Santos Vizeu, Joaquim Mendes Gomes e Sarracaino são aprovados, interpretando

Uma torpeza da "Capital" O preço do pão

Há dois dias que a *Capital* vem publicando, com tranqüilo impudor, uma reportagem sobre a Conferência Anarquista que está para a verdade como o crime está para a virtude. A Conferência Anarquista, a decorrer como a *Capital* pretende, não teria sido uma reunião de criaturas conscientes e cultas, mas o encontro deplorável dum bando de energúmenos e irresponsáveis.

Não são evidentemente as tolices e injúrias que me são impetradas, o motivo destas linhas, pois nunca o meu anarquismo se alimentou de frases ócas e chavões incendiários nem jamais insultou o meu semelhante só por ele não estar de acordo comigo.

O que me irrita é ver insultar camaradas meus que seguem na vida, com inteligência e nobreza, uma estrada erçada de perigos e sacrifícios. Nesse caso, estão, entre outros, os meus camaradas Mário Domingues, David de Carvalho, Almeida Marques, Francisco Quintal, Pires de Matos, que de modo algum seriam capazes das grosserias e parvoíces que lhes são atribuídas. E, mais me irrita a torpe especulação que se fez naquele jornal como uma conferência onde se discutiram assuntos de ordem elevada com aquela serenidade e correcção que não tenho visto em muitas assembleias que tem um presidente e dois secretários e duas multidões: uma de injuriadores e outra de injuriados.

Antes de terminar e, para que se não tome a nuvem por fumo, quero acentuar que os objectivos a que visou a reportagem caluniosa não são identicos aos que norteiam a campanha movida pela *Capital* à Companhia dos Tabacos, e que a *Capital* não funda uma empresa capitalista com reuniões onde tomam parte pessoas, que como eu, tem por únicos haveres, meia dúzia de livros e moram num quarto pobre de que frequentemente são forçados a mudar, pela escandalosa exploração dos inquilinos-senhórios...

Cristiano LIMA

Venda de leite integral

A fim de concorrer para o abastecimento de leite puro, o que se torna especialmente útil para doentes e crianças, abre a sede da Junta Geral do Distrito de Lisboa, rua dos Anjos, 299, na próxima 5.ª feira, 24, às 7 e meia horas (manhã), um posto de venda de leite integral, ao preço de 1930 cada litro.

E' indispensável a inscrição prévia na Secretaria da Junta, onde também devem comparecer todas as pessoas já inscritas.

«Escrituração das Propriedades Urbanas»

Recebemos um exemplar desta obra que a antiga casa Parceria António Maria Pereira editou e que Joaquim José de Sousa escreveu.

Trata-se de um método simples e prático de escrituração para senhores. Não damos os parabéns ao sr. Sequiera por esta sua obra, porque para semelhantes indivíduos a única partida contabilística que aceitamos, como útil para a colectividade, é a expropriação.

Mais simples e mais vantajoso, como se vê...

JUAN ACHER

Lutemos pelo indulto do grande artista revolucionário

Juan B. Acher, o moço artista (seja qual o rebeld, está condenado pela torva reacção espanhola...

Acher «El Poeta» é um rebelde; não se prosterna humildemente perante as lanternações duma sociedade pódre, nem lições de os insolentes triunfadores da hora que passa. E porque não lições de se revolta, a Espanha inquisitorial de Torquemada e Rivera, resolveu executá-lo!

Para que esse crime se não perpetre, para que a mocidade impetuosa, o talento enorme e rebeldia fulgurante de Juan B. Acher, não morram às mãos do carrasco, para que o artista sublime da revolta, seja dado o indulto, é necessário que todos os homens livres de Portugal saibam fazer o seu protesto.

Uma injustiça cometida contra um é uma ameaça contra todos...

Eu admito que a loucura de um homem o leve a matar outro, que a fome o conduza ao desespero, que a vingança possa architectar planos, mas que muitos homens, a coberto da Lei, subjuguem e matem outro, com a garantia da impunidade—não cometo crime.

Porque é contra o direito das gentes, contra a Lei, contra todos os direitos do coração e da inteligência.

Em nome de todos esses direitos, um homem não se mata assim, numa praça pública, como se retalia uma raça num talho!

Em nome de todos esses direitos, salvemos Juan Acher!... — José M. M. Costa Júnior.

—A Comuna 7 de Novembro protestou também contra a condenação à morte do sindicalista Juan Acher.

—A Direcção da Associação dos Compositores Tipográficos, em sua reunião há dias realizada, manifestou o seu protesto veemente contra mais um atentado que pretende atingir a liberdade de pensamento e que os ignóbeis e estúpidos rivas da torquedades Espanha pensam levar a efeito assassinando o moço e genial artista revolucionário Juan Acher.

Exteriorizando esse protesto, será enviado um offício ao representante diplomático da Espanha nesta cidade.

Na Turquia

é aceite a nova constituição

CONSTANTINOPOL, 22.—A Assembleia Nacional turca aceitou a nova constituição turca, depois de algumas meses de discussão, bem como o offícioamento.

A Assembleia adiou depois as suas sessões para depois de seis meses.

Pela Penitenciária

A MORALIDADE DO FISCAL

Publicamos a seguir mais uma carta do recluso Joaquim José Pacheco sobre o que vai pela Penitenciária:

Os factos já descritos nas colunas de *A Batalha*, são creio-o eu, demasiado inócuos para que comprovem com insuperável clareza de que não sou um injuriador, mas sim um acusador que em público, à clara e diamantina luz da publicidade, tem desmascarado um indivíduo mau, lançando-lhe em rosto o peso e acumulação das suas inâmias, que me dão o pleno direito de lhe chamar e provar o que realmente é: é um bandido de casa! É certo que tal, certamente, o não considero essa coisa a que se chama o Código Penal. É-me, porém, indiferente, desde que tenho a absoluta certeza e confiança em mim próprio de que tenho asseverado e asseverarei porque... são apparentes factos, são dignidade pessoal e por consequência a dignidade pessoal e a asseveração, se porventura me desviasse da recta linha de conduta que deve dirigir todo o espírito consciencioso.

Sei o quanto é inapreciável a dignidade, o briso e honra de qualquer cidadão, e por isso estimo certos os leitores de *A Batalha*, esteja certo Senhor Fiscal, que não beliscarei a sua honra com alguma inexactidão.

De resto a própria consciência desse senhor, não poderá deixar de fazer justiça baldada, como tenho referido aos autênticos factos, embora confesso-o, tais factos não sejam agradáveis. Paciência Senhor Fiscal. Não é essa culpa minha. Tivesse sido um homem honesto, um funcionário zeloso e digno, para receber em lugar destes pouco prestigiosas acusações, o prêmio a que todo o homem honrado tem direito: o respeito e veneração dos que observam os seus actos e qualidades.

Digo-o com sinceridade, Senhor Fiscal: desajazá-lo só ter enjos para o louvar e engrandecer em vez de desmerecer, os factos que se servem (porque também só é essa a sua intenção) desmerecer, reduzi-lo a sua mais simples e miserável condição...

Mais algumas contas do rosário infâmico de inâmias desse cavalheiro...

É, não só por regulamento mas também pelos mais rudimentares preceitos de moral, absolutamente proibido que os reclusos joguem, e quando algum previeria, é geralmente castigado na média de 15 dias de cela. Tal castigo é simplesmente justíssimo. Porém, como não de os prevenciores emen-

dar-se, se longe de exemplos nobres, apenas presenciavam factos que contribuem não para se emendarem e regenerarem, mas sim para avolumarem em suas almas, já de si pequeninas, essa nefasta paixão, esse squeroso vício, que é, sem dúvida, como a sífilis, um dos grandes cancores infectos e pútridos desta nossa infesta e putrida humanidade? Quando, em que tempos, se educou uma criança, uma família, na nação, com exemplos perversos no intuito que daí resultassem virtudes?...

É precisamente o que aqui acontece. E' neste meio atrofiado, pútrido, imoral, que nós, os reclusos, vivemos. E, contudo (oh! sarcarmo) chamam a isto, a esta sentença imunda, um estabelecimento de educação, um factor de imprescindível necessidade para a regeneração e tratamento de anomalias, de doentes, segund... Senhores criminologistas, senhores legisladores, vejão a que que triste e grotesca situação ficam reduzidos os vossos esforços, os vossos estudos, evidentemente nobres e grandiosos... E' que v. ex. esqueceram que se é possível ser-se nobre e grandioso num recluso, num regulamento, numa lei, seja de que natureza for, isto é, se escreve-lo, pensá-lo e redigi-lo é relativamente fácil, impossível, porém — creiam bem nisto v. ex. — é pô-lo em execução, e demais quando essa execução, esse cumprimento está confiado a criaturas deste jaez, moral e absolutamente antagónicas — porque são mesquinhos — a algo que seja nobre e grandioso... E' assim, que enquanto se castiga e reprime o jogo entre os reclusos — que é puramente moral — um empregado, um senhor fiscal dum casa desta natureza, manda fazer pelos reclusos — por esses a quem ele tinha o sacrosanto dever de se impôr pelo exemplo e pela conduta irrepreensível — manda-lhes fazer, como já disse — certamente com o fim altruista de lhes fazer esquecer em suas almas esse vício ignóbil e degradante que se chama o jogo — simplesmente, note bem, esse infernal arsenal de feitiços, e minha direcção mesas de pau verde, corações, fichas, etc., etc.?

E agora pergunto a quem me lê, ao ministro, enfim, a todos aqueles que directa e indirectamente são responsáveis por este desastroso desplane: que pensam sobre isto?...

Joaquim José PACHECO.

de amadores, e que como tal se apresenta, que pague a profissionais. O profissionalismo é admissível, pois, mas em organizações ou empresas com o fim bem claro de explorar a indústria da bola. Haja a coragem necessária para suportar os sarcasmos e os insucessos de semelhante empresa. Arvorar, porém, os clubes de amadores em sustentáculos de meia dúzia de pretensões, que não é tolerável. Compete aos sócios dos clubes mais directamente visados seguir atentamente a questão, opondo-se a que o seu dinheiro seja desviado para os fins que todo o desportista condena, por imorais, — K.

Récita de estudantes

Mantem os alunos da Escola Commercial de Veiga Beirão uma Caixa Escolar, que auxilia os estudantes pobres, promove excursões e visitas de estudo, ministra gymnástica, canto coral, etc.

Em favor da sua agremiação levam a scena, no próximo domingo, pelas 15 horas, no teatro Politeama a opereta em 3 actos «Juanito», da autoria de dois professores da mesma escola, tudo indicando que a récita deve resultar brilhante e esultante de alegria, como em geral todas as festas promovidas pela mocidade das escolas.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

FOTOS A PRESTAÇÕES

Ritalataria, R. de S. Paulo, 105-107

TEATROS & CINEMAS

No Eden-Teatro

Companhia espanhola de declamações. A tragédia de Angel Guimerá «Terra baixa»

Bom serviço nos está prestando a Companhia Gomez Ferrer, revelando-nos na sua lingua algumas das peças notáveis do moderno teatro espanhol. Coube a vez, agora, a «Terra baixa» obra prima do grande dramaturgo catalão.

Essa estranha tragédia rural, exuberantíssima de vigor, máscula e eloquente, em que de momento a momento se entrecruzam affectividades opostas e se entrecruzam sentimentos bem diversos, é das melhores peças do teatro espanhol.

São três actos fortes, sinceros, duma beleza castiça duma intensidade estrondosa de convicção. Não há uma frase débil, banal, incerta ou nebulosa. Tudo nela está no seu lugar, erguido, solene, clamante de verdade, vibrante de sentimento.

Não resalta das suas scenas a anémia depressiva dos poemas recitados de pieguismos insubstituíveis, e de emotismos de fitas faladas. «Terra baixa» aperta-nos na malha espessa do seu meio de rusticidade, com altas montanhas levantadas a prumo em que os pinheiros arreitados pela neve eterna, nos olham em desdém, numa sobriedade de lílans. E os musculos de aço dos seus homens próximos da flor silvestre a tecer a terra, nos lances do fulgoração, simbolismo arrastado à completude ruda e descomunal do colosso «Manelico», hercules e pomba, adaga que rasga ventres de lobo, boca que ciciza carinhos que lhe fogem. Moca de mulher que se crispam a repeli-lo.

Guimerá construiu a tragédia e um movimento de tremenda vida animou-a e nosso coração vibra ao máximo perante a grandesa daquelas scenas primitivas pelo odor da sua essência alpestre.

Gomez Ferrer actor de grandes recursos levantou o seu papel à altura a que os seus nervos bem experimentados o deixaram. A scena em que a nossa atenção e os nossos sentidos mais se prenderam foi a do primeiro acto, a grandesa da descrição da morte do lobo, estupefaccão página de beleza narrativa, do melhor que se tem feito na literatura do teatro.

Muito seguro o galan da companhia, Salado que tem boa dicção e b-o jôgo lírico.

A jovem actriz Gomez Ferrer pôs em toda a peça uma nota de ingenuidade harmoniosa com a personagem de «Nuria».

Fraca foi a concorrência, o que é para lastimar, principalmente da parte da colónia espanhola cuja ausência se não justifica.

Nogueira de BRITO

Reclames

Nestas últimas noites ainda mais se tem accentuado o êxito do bellissimo drama «O Crime de Arnonches». Do primeiro ao último acto o publico assiste interessadissimo ao desenrolar das scenas que se succedem, cheias de improviso e originalidade, tributando a todos os intérpretes os maiores applausos, especializando Ester Leão, Rafael Marques, Maria Pia, Ribeiro Lopes e Luis Pinto, que dão verdadeiro rélievo aos seus papéis. A dramática peça representa-se hoje e todas as noites.

Hoje, em São Carlos, a insigne actriz, Lucília Simões, desempenha, pela última vez, «A Rujada», a emocionante peça em que tem uma das suas mais belas criações, e na qual o distinto Eriço Braga tem a seu cargo a parte de «Roberto», a que dá o máximo relevo. É um espectáculo admirável, irresistível para toda a gente de bom gosto. Amanhã, em São Carlos, Lucília Simões desempenhará a «Nora» da «Casa de Bonecas».

Mais uma atracção conta agora o Apolo com o número novo «O menino do Castelo», que é de permanente gargalhada, de forma que se mantém na mais completa alegria, toda a noite, quem ali for ver a famosa revista «Fru-to-Probado», cujo êxito é infundável.

A graciosissima peça repete-se com o brilhante concurso de Laura Costa,

nos seus três novos e graciosissimos números e com o quadro «Salon Belas Artes», que tem pilhas de graça.

Apesar do enorme successo obtido no Coliseu dos Recreios, pela linda opereta «A Dança das Libélulas», que teve um notável desempenho por parte dos artistas que compõem a grande companhia italiana de ópera e opereta, a Empresa daquela casa de espectáculos teve de retirá-la da scena para que a admirável companhia possa exhibir todo o seu vasto e seleccionado repertório e é assim que já hoje se representa pela primeira vez em Portugal, naquella casa de espectáculos, a não menos bella opereta «A Lenda das Cerejas», admiravelmente musicada pelo inspirado maestro italiano A. Pena, e que no estrangeiro tem obtido o mais completo triumpho. A distribuição da peça é a seguinte: Duquesa Margarida, Luíza Cortes; Rosetta camponesa, Margherita Neglia; Conde Conde de Lozano, Giulio Neglia; Duque Lucrecio, Giuseppe Battaglia; O Doutor, Arnaldo Bottoni; Lasciolini, Costante Colombo; Gandia, dama da corte, Carmen Ricci e Mimmo, C. Carmignati.

Um dos mais interessantes espectáculos da Companhia Gomez Ferrer, vai ser por certo o de hoje, no Eden, com a primeira representação, em 3.ª recita de assinatura, tragédia em 5 actos «Santa Isabel de Ceres», cujo autor, Alfonso Vidal y Planes, já popularizado pela sua obra, maior notoriedade ainda obteve, num lance tragico com um seu collaborador que matou, devendo, por esse facto, ser julgado a 18 de Maio proximo, em Madrid. «Santa Isabel de Ceres» é uma peça realista, que o seu autor apresenta como sendo de intuitos altamente moralizadores, que, a seu respeito, diz: «Eu sou bom e hei-de falar em nome da justiça, da Caridade e do Amor». Os 5 quadros da peça que se tornou do dominio publico em Sevilha, dando origem a mais áridas discussões, são os seguintes: 1.ª «Noche de juerga»; 2.ª «Abel, visionário»; 3.ª «Malignico»; 4.ª «El alma suicida»; 5.ª «El agua fuerte del vol de roses».

A peça «Santa Isabel de Ceres», tem, pela Companhia Espanhola Gomez Ferrer, a seguinte distribuição: Isabel, Fr. Francisca; La Romantica, señora Robles; La Encarna, senhora Varoglio; La loca de la risa, señora Coronado; Ana tuerta, Coronado; La lectora, Robles; Matilde, Viana; Luisita, senhora Varoglio; Trini la pequena, senhora Uzal; Vieja de los gritos, señora Coronado; La Antonia, senhora Varoglio; Mujer de la derecha, senhora Varoglio; Mujer de la izquierda, senhora Varoglio; Pupa 1.ª, senhora Varoglio; Pupa 2.ª, senhora Varoglio; Pupa 3.ª, senhora Varoglio; Pupa 4.ª, senhora Varoglio; Pupa 5.ª, senhora Varoglio; Pupa 6.ª, senhora Varoglio; Pupa 7.ª, senhora Varoglio; Pupa 8.ª, senhora Varoglio; Pupa 9.ª, senhora Varoglio; Pupa 10.ª, senhora Varoglio; Pupa 11.ª, senhora Varoglio; Pupa 12.ª, senhora Varoglio; Pupa 13.ª, senhora Varoglio; Pupa 14.ª, senhora Varoglio; Pupa 15.ª, senhora Varoglio; Pupa 16.ª, senhora Varoglio; Pupa 17.ª, senhora Varoglio; Pupa 18.ª, senhora Varoglio; Pupa 19.ª, senhora Varoglio; Pupa 20.ª, senhora Varoglio; Pupa 21.ª, senhora Varoglio; Pupa 22.ª, senhora Varoglio; Pupa 23.ª, senhora Varoglio; Pupa 24.ª, senhora Varoglio; Pupa 25.ª, senhora Varoglio; Pupa 26.ª, senhora Varoglio; Pupa 27.ª, senhora Varoglio; Pupa 28.ª, senhora Varoglio; Pupa 29.ª, senhora Varoglio; Pupa 30.ª, senhora Varoglio; Pupa 31.ª, senhora Varoglio; Pupa 32.ª, senhora Varoglio; Pupa 33.ª, senhora Varoglio; Pupa 34.ª, senhora Varoglio; Pupa 35.ª, senhora Varoglio; Pupa 36.ª, senhora Varoglio; Pupa 37.ª, senhora Varoglio; Pupa 38.ª, senhora Varoglio; Pupa 39.ª, senhora Varoglio; Pupa 40.ª, senhora Varoglio; Pupa 41.ª, senhora Varoglio; Pupa 42.ª, senhora Varoglio; Pupa 43.ª, senhora Varoglio; Pupa 44.ª, senhora Varoglio; Pupa 45.ª, senhora Varoglio; Pupa 46.ª, senhora Varoglio; Pupa 47.ª, senhora Varoglio; Pupa 48.ª, senhora Varoglio; Pupa 49.ª, senhora Varoglio; Pupa 50.ª, senhora Varoglio; Pupa 51.ª, senhora Varoglio; Pupa 52.ª, senhora Varoglio; Pupa 53.ª, senhora Varoglio; Pupa 54.ª, senhora Varoglio; Pupa 55.ª, senhora Varoglio; Pupa 56.ª, senhora Varoglio; Pupa 57.ª, senhora Varoglio; Pupa 58.ª, senhora Varoglio; Pupa 59.ª, senhora Varoglio; Pupa 60.ª, senhora Varoglio; Pupa 61.ª, senhora Varoglio; Pupa 62.ª, senhora Varoglio; Pupa 63.ª, senhora Varoglio; Pupa 64.ª, senhora Varoglio; Pupa 65.ª, senhora Varoglio; Pupa 66.ª, senhora Varoglio; Pupa 67.ª, senhora Varoglio; Pupa 68.ª, senhora Varoglio; Pupa 69.ª, senhora Varoglio; Pupa 70.ª, senhora Varoglio; Pupa 71.ª, senhora Varoglio; Pupa 72.ª, senhora Varoglio; Pupa 73.ª, senhora Varoglio; Pupa 74.ª, senhora Varoglio; Pupa 75.ª, senhora Varoglio; Pupa 76.ª, senhora Varoglio; Pupa 77.ª, senhora Varoglio; Pupa 78.ª, senhora Varoglio; Pupa 79.ª, senhora Varoglio; Pupa 80.ª, senhora Varoglio; Pupa 81.ª, senhora Varoglio; Pupa 82.ª, senhora Varoglio; Pupa 83.ª, senhora Varoglio; Pupa 84.ª, senhora Varoglio; Pupa 85.ª, senhora Varoglio; Pupa 86.ª, senhora Varoglio; Pupa 87.ª, senhora Varoglio; Pupa 88.ª, senhora Varoglio; Pupa 89.ª, senhora Varoglio; Pupa 90.ª, senhora Varoglio; Pupa 91.ª, senhora Varoglio; Pupa 92.ª, senhora Varoglio; Pupa 93.ª, senhora Varoglio; Pupa 94.ª, senhora Varoglio; Pupa 95.ª, senhora Varoglio; Pupa 96.ª, senhora Varoglio; Pupa 97.ª, senhora Varoglio; Pupa 98.ª, senhora Varoglio; Pupa 99.ª, senhora Varoglio; Pupa 100.ª, senhora Varoglio; Pupa 101.ª, senhora Varoglio; Pupa 102.ª, senhora Varoglio; Pupa 103.ª, senhora Varoglio; Pupa 104.ª, senhora Varoglio; Pupa 105.ª, senhora Varoglio; Pupa 106.ª, senhora Varoglio; Pupa 107.ª, senhora Varoglio; Pupa 108.ª, senhora Varoglio; Pupa 109.ª, senhora Varoglio; Pupa 110.ª, senhora Varoglio; Pupa 111.ª, senhora Varoglio; Pupa 112.ª, senhora Varoglio; Pupa 113.ª, senhora Varoglio; Pupa 114.ª, senhora Varoglio; Pupa 115.ª, senhora Varoglio; Pupa 116.ª, senhora Varoglio; Pupa 117.ª, senhora Varoglio; Pupa 118.ª, senhora Varoglio; Pupa 119.ª, senhora Varoglio; Pupa 120.ª, senhora Varoglio; Pupa 121.ª, senhora Varoglio; Pupa 122.ª, senhora Varoglio; Pupa 123.ª, senhora Varoglio; Pupa 124.ª, senhora Varoglio; Pupa 125.ª, senhora Varoglio; Pupa 126.ª, senhora Varoglio; Pupa 127.ª, senhora Varoglio; Pupa 128.ª, senhora Varoglio; Pupa 129.ª, senhora Varoglio; Pupa 130.ª, senhora Varoglio; Pupa 131.ª, senhora Varoglio; Pupa 132.ª, senhora Varoglio; Pupa 133.ª, senhora Varoglio; Pupa 134.ª, senhora Varoglio; Pupa 135.ª, senhora Varoglio; Pupa 136.ª, senhora Varoglio; Pupa 137.ª, senhora Varoglio; Pupa 138.ª, senhora Varoglio; Pupa 139.ª, senhora Varoglio; Pupa 140.ª, senhora Varoglio; Pupa 141.ª, senhora Varoglio; Pupa 142.ª, senhora Varoglio; Pupa 143.ª, senhora Varoglio; Pupa 144.ª, senhora Varoglio; Pupa 145.ª, senhora Varoglio; Pupa 146.ª, senhora Varoglio; Pupa 147.ª, senhora Varoglio; Pupa 148.ª, senhora Varoglio; Pupa 149.ª, senhora Varoglio; Pupa 150.ª, senhora Varoglio; Pupa 151.ª, senhora Varoglio; Pupa 152.ª, senhora Varoglio; Pupa 153.ª, senhora Varoglio; Pupa 154.ª, senhora Varoglio; Pupa 155.ª, senhora Varoglio; Pupa 156.ª, senhora Varoglio; Pupa 157.ª, senhora Varoglio; Pupa 158.ª, senhora Varoglio; Pupa 159.ª, senhora Varoglio; Pupa 160.ª, senhora Varoglio; Pupa 161.ª, senhora Varoglio; Pupa 162.ª, senhora Varoglio; Pupa 163.ª, senhora Varoglio; Pupa 164.ª, senhora Varoglio; Pupa 165.ª, senhora Varoglio; Pupa 166.ª, senhora Varoglio; Pupa 167.ª, senhora Varoglio; Pupa 168.ª, senhora Varoglio; Pupa 169.ª, senhora Varoglio; Pupa 170.ª, senhora Varoglio; Pupa 171.ª, senhora Varoglio; Pupa 172.ª, senhora Varoglio; Pupa 173.ª, senhora Varoglio; Pupa 174.ª, senhora Varoglio; Pupa 175.ª, senhora Varoglio; Pupa 176.ª, senhora Varoglio; Pupa 177.ª, senhora Varoglio; Pupa 178.ª, senhora Varoglio; Pupa 179.ª, senhora Varoglio; Pupa 180.ª, senhora Varoglio; Pupa 181.ª, senhora Varoglio; Pupa 182.ª, senhora Varoglio; Pupa 183.ª, senhora Varoglio; Pupa 184.ª, senhora Varoglio; Pupa 185.ª, senhora Varoglio; Pupa 186.ª, senhora Varoglio; Pupa 187.ª, senhora Varoglio; Pupa 188.ª, senhora Varoglio; Pupa 189.ª, senhora Varoglio; Pupa 190.ª, senhora Varoglio; Pupa 191.ª, senhora Varoglio; Pupa 192.ª, senhora Varoglio; Pupa 193.ª, senhora Varoglio; Pupa 194.ª, senhora Varoglio; Pupa 195.ª, senhora Varoglio; Pupa 196.ª, senhora Varoglio; Pupa 197.ª, senhora Varoglio; Pupa 198.ª, senhora Varoglio; Pupa 199.ª, senhora Varoglio; Pupa 200.ª, senhora Varoglio; Pupa 201.ª, senhora Varoglio; Pupa 202.ª, senhora Varoglio; Pupa 203.ª, senhora Varoglio; Pupa 204.ª, senhora Varoglio; Pupa 205.ª, senhora Varoglio; Pupa 206.ª, senhora Varoglio; Pupa 207.ª, senhora Varoglio; Pupa 208.ª, senhora Varoglio; Pupa 209.ª, senhora Varoglio; Pupa 210.ª, senhora Varoglio; Pupa 211.ª, senhora Varoglio; Pupa 212.ª, senhora Varoglio; Pupa 213.ª, senhora Varoglio; Pupa 214.ª, senhora Varoglio; Pupa 215.ª, senhora Varoglio; Pupa 216.ª, senhora Varoglio; Pupa 217.ª, senhora Varoglio; Pupa 218.ª, senhora Varoglio; Pupa 219.ª, senhora Varoglio; Pupa 220.ª, senhora Varoglio; Pupa 221.ª, senhora Varoglio; Pupa 222.ª, senhora Varoglio; Pupa 223.ª, senhora Varoglio; Pupa 224.ª, senhora Varoglio; Pupa 225.ª, senhora Varoglio; Pupa 226.ª, senhora Varoglio; Pupa 227.ª, senhora Varoglio; Pupa 228.ª, senhora Varoglio; Pupa 229.ª, senhora Varoglio; Pupa 230.ª, senhora Varoglio; Pupa 231.ª, senhora Varoglio; Pupa 232.ª, senhora Varoglio; Pupa 233.ª, senhora Varoglio; Pupa 234.ª, senhora Varoglio; Pupa 235.ª, senhora Varoglio; Pupa 236.ª, senhora Varoglio; Pupa 237.ª, senhora Varoglio; Pupa 238.ª, senhora Varoglio; Pupa 239.ª, senhora Varoglio; Pupa 240.ª, senhora Varoglio; Pupa 241.ª, senhora Varoglio; Pupa 242.ª, senhora Varoglio; Pupa 243.ª, senhora Varoglio; Pupa 244.ª, senhora Varoglio; Pupa 245.ª, senhora Varoglio; Pupa 246.ª, senhora Varoglio; Pupa 247.ª, senhora Varoglio; Pupa 248.ª, senhora Varoglio; Pupa 249.ª, senhora Varoglio; Pupa 250.ª, senhora Varoglio; Pupa 251.ª, senhora Varoglio; Pupa 252.ª, senhora Varoglio; Pupa 253.ª, senhora Varoglio; Pupa 254.ª, senhora Varoglio; Pupa 255.ª, senhora Varoglio; Pupa 256.ª, senhora Varoglio; Pupa 257.ª, senhora Varoglio; Pupa 258.ª, senhora Varoglio; Pupa 259.ª, senhora Varoglio; Pupa 260.ª, senhora Varoglio; Pupa 261.ª, senhora Varoglio; Pupa 262.ª, senhora Varoglio; Pupa 263.ª, senhora Varoglio; Pupa 264.ª, senhora Varoglio; Pupa 265.ª, senhora Varoglio; Pupa 266.ª, senhora Varoglio; Pupa 267.ª, senhora Varoglio; Pupa 268.ª, senhora Varoglio; Pupa 269.ª, senhora Varoglio; Pupa 270.ª, senhora Varoglio; Pupa 271.ª, senhora Varoglio; Pupa 272.ª, senhora Varoglio; Pupa 273.ª, senhora Varoglio; Pupa 274.ª, senhora Varoglio; Pupa 275.ª, senhora Varoglio; Pupa 276.ª, senhora Varoglio; Pupa 277.ª, senhora Varoglio; Pupa 278.ª, senhora Varoglio; Pupa 279.ª, senhora Varoglio; Pupa 280.ª, senhora Varoglio; Pupa 281.ª, senhora Varoglio; Pupa 282.ª, senhora Varoglio; Pupa 283.ª, senhora Varoglio; Pupa 284.ª, senhora Varoglio; Pupa 285.ª, senhora Varoglio; Pupa 286.ª, senhora Varoglio; Pupa 287.ª, senhora Varoglio; Pupa 288.ª, senhora Varoglio; Pupa 289.ª, senhora Varoglio; Pupa 290.ª, senhora Varoglio; Pupa 291.ª, senhora Varoglio; Pupa 292.ª, senhora Varoglio; Pupa 293.ª, senhora Varoglio; Pupa 294.ª, senhora Varoglio; Pupa 295.ª, senhora Varoglio; Pupa 296.ª, senhora Varoglio; Pupa 297.ª, senhora Varoglio; Pupa 298.ª, senhora Varoglio; Pupa 299.ª, senhora Varoglio; Pupa 300.ª, senhora Varoglio; Pupa 301.ª, senhora Varoglio; Pupa 302.ª, senhora Varoglio; Pupa 303.ª, senhora Varoglio; Pupa 304.ª, senhora Varoglio; Pupa 305.ª, senhora Varoglio; Pupa 306.ª, senhora Varoglio; Pupa 307.ª, senhora Varoglio; Pupa 308.ª, senhora Varoglio; Pupa 309.ª, senhora Varoglio; Pupa 310.ª, senhora Varoglio; Pupa 311.ª, senhora Varoglio; Pupa 312.ª, senhora Varoglio; Pupa 313.ª, senhora Varoglio; Pupa 314.ª, senhora Varoglio; Pupa 315.ª, senhora Varoglio; Pupa 316.ª, senhora Varoglio; Pupa 317.ª, senhora Varoglio; Pupa 318.ª, senhora Varoglio; Pupa 319.ª, senhora Varoglio; Pupa 320.ª, senhora Varoglio; Pupa 321.ª, senhora Varoglio; Pupa 322.ª, senhora Varoglio; Pupa 323.ª, senhora Varoglio; Pupa 324.ª, senhora Varoglio; Pupa 325.ª, senhora Varoglio; Pupa 326.ª, senhora Varoglio; Pupa 327.ª, senhora Varoglio; Pupa 328.ª, senhora Varoglio; Pupa 329.ª, senhora Varoglio; Pupa 330.ª, senhora Varoglio; Pupa 331.ª, senhora Varoglio; Pupa 332.ª, senhora Varoglio; Pupa 333.ª, senhora Varoglio; Pupa 334.ª, senhora Varoglio; Pupa 335.ª, senhora Varoglio; Pupa 336.ª, senhora Varoglio; Pupa 337.ª, senhora Varoglio; Pupa 338.ª, senhora Varoglio; Pupa 339.ª, senhora Varoglio; Pupa 340.ª, senhora Varoglio; Pupa 341.ª, senhora Varoglio; Pupa 342.ª, senhora Varoglio; Pupa 343.ª, senhora Varoglio; Pupa 344.ª, senhora Varoglio; Pupa 345.ª, senhora Varoglio; Pupa 346.ª, senhora Varoglio; Pupa 347.ª, senhora Varoglio; Pupa 348.ª, senhora Varoglio; Pupa 349.ª, senhora Varoglio; Pupa 350.ª, senhora Varoglio; Pupa 351.ª, senhora Varoglio; Pupa 352.ª, senhora Varoglio; Pupa 353.ª, senhora Varoglio; Pupa 354.ª, senhora Varoglio; Pupa 355.ª, senhora Varoglio; Pupa 356.ª, senhora Varoglio; Pupa 357.ª, senhora Varoglio; Pupa 358.ª, senhora Varoglio; Pupa 359.ª, senhora Varoglio; Pupa 360.ª, senhora Varoglio; Pupa 361.ª, senhora Varoglio; Pupa 362.ª, senhora Varoglio; Pupa 363.ª, senhora Varoglio; Pupa 364.ª, senhora Varoglio; Pupa 365.ª, senhora Varoglio; Pupa 366.ª, senhora Varoglio; Pupa 367.ª, senhora Varoglio; Pupa 368.ª, senhora Varoglio; Pupa 369.ª, senhora Varoglio; Pupa 370.ª, senhora Varoglio; Pupa 371.ª, senhora Varoglio; Pupa 372.ª, senhora Varoglio; Pupa 373.ª, senhora Varoglio; Pupa 374.ª, senhora Varoglio; Pupa 375.ª, senhora Varoglio; Pupa 376.ª, senhora Varoglio; Pupa 377.ª, senhora Varoglio; Pupa 378.ª, senhora Varoglio; Pupa 379.ª, senhora Varoglio; Pupa 380.ª, senhora Varoglio; Pupa 381.ª, senhora Varoglio; Pupa 382.ª, senhora Varoglio; Pupa 383.ª, senhora Varoglio; Pupa 384.ª, senhora Varoglio; Pupa 385.ª, senhora Varoglio; Pupa 386.ª, senhora Varoglio; Pupa 387.ª, senhora Varoglio; Pupa 388.ª, senhora Varoglio; Pupa 389.ª, senhora Varoglio; Pupa 390.ª, senhora Varoglio; Pupa 391.ª, senhora Varoglio; Pupa 392.ª, senhora Varoglio; Pupa 393.ª, senhora Varoglio; Pupa 394.ª, senhora Varoglio; Pupa 395.ª, senhora Varoglio; Pupa 396.ª, senhora Varoglio; Pupa 397.ª, senhora Varoglio; Pupa 398.ª, senhora Varoglio; Pupa 399.ª, senhora Varoglio; Pupa 400.ª, senhora Varoglio; Pupa 401.ª, senhora Varoglio; Pupa 402.ª, senhora Varoglio; Pupa 403.ª, senhora Varoglio; Pupa 404.ª, senhora Varoglio; Pupa 405.ª, senhora Varoglio; Pupa 406.ª, senhora Varoglio; Pupa 407.ª, senhora Varoglio; Pupa 408.ª, senhora Varoglio; Pupa 409.ª, senhora Varoglio; Pupa 410.ª, senhora Varoglio; Pupa 411.ª, senhora Varoglio; Pupa 412.ª, senhora Varoglio; Pupa 413.ª, senhora Varoglio; Pupa 414.ª, senhora Varoglio; Pupa 415.ª, senhora Varoglio; Pupa 416.ª, senhora Varoglio; Pupa 417.ª, senhora Varoglio; Pupa 418.ª, senhora Varoglio; Pupa 419.ª, senhora Varoglio; Pupa 420.ª, senhora Varoglio; Pupa 421.ª, senhora Varoglio; Pupa 422.ª, senhora Varoglio; Pupa 423.ª, senhora Varoglio; Pupa 424.ª, senhora Varoglio; Pupa 425.ª, senhora Varoglio; Pupa 426.ª, senhora Varoglio; Pupa 427.ª, senhora Varoglio; Pupa 428.ª, senhora Varoglio; Pupa 429.ª, senhora Varoglio; Pupa 430.ª, senhora Varoglio; Pupa 431.ª, senhora Varoglio; Pupa 432.ª, senhora Varoglio; Pupa 433.ª, senhora Varoglio; Pupa 434.ª, senhora Varoglio; Pupa 435.ª, senhora Varoglio; Pupa 436.ª, senhora Varoglio; Pupa 437.ª, senhora Varoglio; Pupa 438.ª, senhora Varoglio; Pupa 439.ª, senhora Varoglio; Pupa 440.ª, senhora Varoglio; Pupa 441.ª, senhora Varoglio; Pupa 442.ª, senhora Varoglio; Pupa 443.ª, senhora Varoglio; Pupa 444.ª, senhora Varoglio; Pupa 445.ª, senhora Varoglio; Pupa 446.ª, senhora Varoglio; Pupa 447.ª, senhora Varoglio; Pupa 448.ª, senhora Varoglio; Pupa 449.ª, senhora Varoglio; Pupa 450.ª, senhora Varoglio; Pupa 451.ª, senhora Varoglio; Pupa 452.ª, senhora Varoglio; Pupa 453.ª, senhora Varoglio; Pupa 454.ª, senhora Varoglio; Pupa 455.ª, senhora Varoglio; Pupa 456.ª, senhora Varoglio; Pupa 457.ª, senhora Varoglio; Pupa 458.ª, senhora Varoglio; Pupa 459.ª, senhora Varoglio; Pupa 460.ª, senhora Varoglio; Pupa 461.ª, senhora Varoglio; Pupa 462.ª, senhora Varoglio; Pupa 463.ª, senhora Varoglio; Pupa 464.ª, senhora Varoglio; Pupa 465.ª, senhora Varoglio; Pupa 466.ª, senhora Varoglio; Pupa 467.ª, senhora Varoglio; Pupa 468.ª, senhora Varoglio; Pupa 469.ª, senhora Varoglio; Pupa 470.ª, senhora Varoglio; Pupa 471.ª, senhora Varoglio; Pupa 472.ª, senhora Varoglio; Pupa 473.ª, senhora Varoglio; Pupa 474.ª, senhora Varoglio; Pupa 475.ª, senhora Varoglio; Pupa 476.ª, senhora Varoglio; Pupa 477.ª, senhora Varoglio; Pupa 478.ª, senhora Varoglio; Pupa 479.ª, senhora Varoglio; Pupa 480.ª, senhora Varoglio; Pupa 481.ª, senhora Varoglio; Pupa 482.ª, senhora Varoglio; Pupa 483.ª, senhora Varoglio; Pupa 484.ª, senhora Varoglio; Pupa 485.ª, senhora Varoglio; Pupa 486.ª, senhora Varoglio; Pupa 487.ª, senhora Varoglio; Pupa 488.ª, senhora Varoglio; Pupa 489.ª, senhora Varoglio; Pupa 490.ª, senhora Varoglio; Pupa 491.ª, senhora Varoglio; Pupa 492.ª, senhora Varoglio; Pupa 493.ª, senhora Varoglio; Pupa 494.ª, senhora Varoglio; Pupa 495.ª, senhora Varoglio; Pupa 496.ª, senhora Varoglio; Pupa 497.ª, senhora Varoglio; Pupa 498.ª, senhora Varoglio; Pupa 499.ª, senhora Varoglio; Pupa 500.ª, senhora Varoglio; Pupa 501.ª, senhora Varoglio; Pupa 502.ª, senhora Varoglio; Pupa 503.ª, senhora Varoglio; Pupa 504.ª, senhora Varoglio; Pupa 505.ª, senhora Varoglio; Pupa 506.ª, senhora Varoglio; Pupa 507.ª, senhora Varoglio; Pupa 508.ª, senhora Varoglio; Pupa 509.ª, senhora Varoglio; Pupa 510.ª, senhora Varoglio; Pupa 511.ª, senhora Varoglio; Pupa 512.ª, senhora Varoglio; Pupa 513.ª, senhora Varoglio; Pupa 514.ª, senhora Varoglio; Pupa 515.ª, senhora Varoglio; Pupa 516.ª, senhora Varoglio; Pupa 517.ª, senhora Varoglio; Pupa 518.ª, senhora Varoglio; Pupa 519.ª, senhora Varoglio; Pupa 520.ª, senhora Varoglio; P

